

# Nós e o Mundo

MAURA DE SENNA PEREIRA

## ELY, O POETA QUE PINTA O COSMOS

Conheci mais profundamente ELY BRAGA — consagrado pela crítica e por um público fascinado — em plena fase superespacial. Mas o seu espaço já era colorido e não o pitagórico, onde apenas ressoa a música das esferas. Ele explodira como abstrato em 61 e, na sua ordenada inquietação, partira para novos caminhos e descobertas. Foi aí que me perdi em suas nebulosas, mundos, sóis, projetados — ou sugeridos — nas cores soberbas que só ele é capaz de criar, sobre os matizados fundos em que se joga primeiramente o subconsciente do artista (pois este é o seu processo de criação) para, tendo forjado o espaço, nele compor a mensagem, nele divagar o poeta.

A diferença, na mostra de agora, é que — parte do seu público fascinado — vi e admirei as telas antes de serem expostas. Ainda quentes das tintas mágicas, das mãos criadoras. Todas trazendo o timbre do caminho novo: o abstrato-figurativo, embora não inteiramente despojadas da estrutura espacial, dos arroubos cósmicos que marcaram, por longo tempo, a obra de ELY BRAGA.

Assim, entre os sete pássaros abstratos, um deles me pareceu um peixe nadando nos mares-ares da amplidão. O pássaro dourado é uma fulguração de amarelos, de manhãs. O denominado «orgia no espaço» é uma quase bacanal em branco e verde do trio esguelo (do trio em cio?). Assim, o «reflexo de uma libertação», em fundo ouro-poente, e a «festa no céu», em lilases líricos sobre matizes azuis. Sempre o corte das amarras, o movimento, a palpitação — em todas essas aves-barcos do infinito.

Beleza de arlequins com sugestões de balé — o solitário, em fundo vermelho, e os dois perdidos no espaço, verdes dançarinos no azul-piscina do céu.

Já «a grande senhora» — rosto e mãos em verde-ausência entre os rubros de um triângulo (corpo e sala de Madona ou árvore festiva de Natal?) — e «quando o branco é cenário de uma ruína» — este uma composição em branco e petróleo, lembrando desmoronamento, desintegração — talvez sejam as mais laboriosas telas do grande artista nos últimos tempos.

As quatro naturezas mortas são naturezas vivas e as mais figurativas da coleção: buquês de flor dentro de jarras, em cores superpostas, saltando em relevo, inconfundíveis, perenes.

Tudo isso criado no estúdio de ELY BRAGA, o artista em sua bellissima cobertura, na companhia do silêncio e vizinhando com a paisagem tranquila e verde dos morros e das árvores — enquanto, nas telas, explodem suas odes plásticas e seus pássaros desfilam no voo da libertação.

NOTA — O vernissage será a 28 de setembro, às 21 horas, na Nouvelle Dezon Galerie d'Art (Rua Si-queira Campos, 143 — Loja 28)

# ZARUR



## Henrique Pongetti

Escritor e jornalista

— Eu fui um dos primeiros ouvintes de Zarur, quando ele ainda não tinha criado a Legião da Boa Vontade. É um radiologista da melhor qualidade. Fazia um programa policial excelente: o Sherlock Holmes brasileiro. Depois acompanhei a trajetória dele, que tem o recorde de 33.000 audições. Não se lhe pode discutir a capacidade de organização, a capacidade de transmitir os seus ideais, a capacidade de aglomerar em todo o Brasil uma tão extraordinária massa de crentes. Tudo isso tem

razem  
vivem  
endem, e  
sórios.

iciosos  
ca  
queles  
der,  
só quem  
vivas  
a, deste  
osso  
se vê  
Terra.

programa  
cia no ar)



ziro Zarur  
Esta foto  
alegria es-  
ais, mani-  
a LBV se